

Pañuelos verdes: imagem, afeto e agência feminista¹

Angie BIONDI²

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, BA

RESUMO

O objetivo desse texto é analisar a produção e circulação de fotografias jornalísticas das recentes manifestações pelo aborto legal e seguro como uma ação política que se expandiu entre os países latino-americanos, sobretudo entre os anos de 2018 e 2022. Argumentamos que o caráter estético-político da imagem tem uma particular relevância na compreensão dos protestos intitulados *pañuelos verdes*, pois joga luz sobre as operações de linguagem performativa própria ao ativismo feminista no contexto da América Latina. Para tanto, retomamos o conceito de *enactment* (Macón, 2021; 2022) deslindando que, nas imagens, afeto e agência são instâncias correlacionais.

PALAVRAS-CHAVE: feminismo; imagem; *pañuelos verdes*.

Em 2003, na cidade de Rosario, na Argentina, integrantes da Campanha Nacional pelo Direito ao Aborto Legal, Seguro e Gratuito se reuniram no XVIII Encontro de Mulheres para discutir ações de descriminalização do aborto e formalizar a integralização da pauta pelos direitos sexuais e reprodutivos. Como estratégia de visibilidade, o grupo, inspirado nas fraldas brancas bordadas com os nomes de familiares mortos e desaparecidos na ditadura, usados pelas mães da Plaza de Mayo, adotou os *pañuelos*, lenços verdes, como um signo visual de sua luta política.

Antes restrito às passeatas promovidas pelas integrantes da Campanha, o acessório alcançou notoriedade em 2015, quando o grupo participou da primeira marcha *Ni una menos*, realizada em Buenos Aires. Desde então, o lenço verde se consolidou como um elemento de identidade política não apenas para as integrantes da Campanha, mas como um símbolo de luta transnacional pelos direitos sexuais e reprodutivos, isto é, como um signo ampliado da união entre as mulheres da América Latina.

Em 2018, os lenços verdes passaram a ser usados nas manifestações feministas no Brasil, na Colômbia, entre outros países latino-americanos. Desde então, pode-se encontrar, tanto nas ruas quanto nas inúmeras fotografias de imprensa, perfis de redes sociais, documentários, entre outros veículos, mulheres e jovens portando os *pañuelos* na maior parte dos protestos e manifestações realizadas. Assim como a predominante

¹ Trabalho apresentado ao GP 15 – Estéticas, Políticas do corpo e Interseccionalidade, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Pesquisadora. Pós-doutorado Sênior CNPQ/PDS, UESB, BA, email: angiebiondina@gmail.com

cor roxa adotada pelo feminismo ao redor do mundo, os pañuelos verdes das argentinas parecem encarnar, hoje, um símbolo de luta, reformulando uma imagem do crescimento exponencial dos movimentos revolucionários das mulheres latinas, em especial, chegando a receber, de alguns veículos internacionais de imprensa, a alcunha de “maré verde”¹. A trajetória de manifestações pelo direito ao aborto legal e seguro é histórica, marcando que as mulheres ainda são as principais vítimas de violência, discriminação, precarização e vulnerabilidades na região (Segato, 2012; 2016).

Nesse contexto, argumentamos que as manifestações dos pañuelos verdes, que hoje se espraiam por outras localidades como um grande aceno coletivo de reconhecimento e cooperação às pautas feministas, não se restringem a uma estratégia de protesto ou representação apenas, mas constituem uma mudança na forma de linguagem e de sentido entendida como *enactment* (Macón, 2021; 2023); espécie de gesto político e afetivo que abre brechas na estrutura patriarcal constituindo uma nova sensibilidade na cena pública contemporânea, a partir do modo como impõe os corpos que, antes de tudo, reivindicam o aparecer coletivo (Butler, 2010; 2019). Esse trabalho busca analisar a produção e a circulação de fotografias jornalísticas das recentes manifestações pelo aborto legal e seguro no Brasil, entre 2018 e 2022.

Através das fotografias, observamos que o caráter estético-político da imagem tem uma relevância particular na compreensão dos pañuelos verdes, pois joga luz sobre as operações de linguagem que se efetivam no bojo da ação política feminista, fundamentais para promover, pela via afetiva, rupturas nos modelos de conformação cultural e social do patriarcado ainda vigentes no contexto latino-americano. Para Macón (2022), se observarmos as estratégias de linguagem que têm operado as ações feministas do passado e do presente, em cotejo, notamos que as simulações das sufragistas de 1920 e o ativismo feminista de *hashtag* de movimentos como #QueSeaLey e #HuelgadeMujeres, em 2018, resguardam certa aproximação no modo de usar a linguagem, em especial, das imagens de ficção, para antecipar uma realidade reivindicada.

la destrucción de la estructura del sentir patriarcal llevada a cabo por el feminismo –especialmente en esta primera ola- no solo conforma la agencia política de un modo particularmente disruptivo –y por ello, exitoso en el mediano y largo plazo-, sino que además altera el sentido de realidad a través de gestos propios de las vanguardias estéticas a través de operaciones como estas que aquí denomino ‘pre-enactments’,

cercanas de algún modo al ‘fake’ del movimiento beat, donde la categoría de ‘fake’ expresó la invención de hechos falsos para crear acontecimientos verdaderos (Macón, 2022, p. 03).

Dora Barrancos (2022) também atribui o intenso desenvolvimento do ativismo das sufragistas argentinas à virada de visibilidade pública alcançada a partir do uso de certas imagens circulantes nos veículos de imprensa latino-americana da época, em particular, a publicação da revista feminista popular *Nuestra Causa*, dirigida pela ativista Julia García Gomes. A fotografia do primeiro voto feminino, por exemplo, protagonizado pela médica socialista Julieta Lanteri, em julho de 1911, ocupou repetidas páginas da imprensa local e, entre outros fatores, impulsionou a afirmação da figura feminina no espaço público e nas decisões políticas advindas posteriormente.

Entretanto, na época, a imprensa procurava formas de desacreditar as ações das mulheres. Às simulações de votações femininas eram atribuídas expressões pejorativas e adjetivos que buscavam desqualificá-las reafirmando, assim, a configuração patriarcal hegemônica garantida na memória cultural sobre a cidadania, os sujeitos cidadãos e sua hegemonia no espaço público.

O jornal *El Diario*, de 08 de março de 1920, chegou a rotular o voto feminino como mentira, logro, fraude e “inocente diversão eleitoral” (Macón, 2022, p.5). Havia, também, veículos que apoiaram a reivindicação, porém, dentro do recorte de classe. A revista *Caras y Caretas*, segundo as pesquisas de Macón (2022), publicou que era devido o direito de voto apenas às mulheres educadas deixando à margem uma extensa maioria da população feminina empobrecida.

Entendemos que esses breves exemplos históricos são importantes para destacar não apenas o quanto o uso da comunicação e da mídia tiveram um papel marcante, ainda que por vezes conflituoso ou antagônico, no que se refere à luta pelos direitos das mulheres naquele período, mas sobretudo para chamar a atenção sobre os usos performativos que as ativistas propuseram às imagens de modo a direcionar, intencionalmente, a visibilidade pública a seu favor, invertendo a noção dos códigos patriarcais e negociando com a linguagem visual para fortalecer sua luta política (Calderón, 2020; Zerwes, 2014).

Judith Butler (2018) também problematizou a associação entre as políticas de gênero e o direito de aparecer, na ação política, uma vez que, em seus escritos, ela preconiza que a presença coletiva dos corpos (entendida e vista como um conjunto vivo

de relações, não apenas como agrupamento de pessoas nos espaços públicos), são ações performativas imprescindíveis à redefinição material das subjetividades, imaginários e afetos políticos, pois são “formas corporificadas de ação e mobilidade que significam além do que quer que seja dito” (Butler, 2018, p.14).

As pesquisadoras Verónica Gago (2020) e Karina Bidaseca (2011), indicam que o feminismo contemporâneo reinventou a performance como gesto artístico e político que põe em jogo a lógica da representação e os modos estabelecidos do debate público sobre os direitos sexuais e reprodutivos, incluídos aí, os protestos específicos e constantes contra a violência sexual, pelo aborto legal e seguro, contra a violência obstétrica, pela autodeterminação de orientação e prática sexual, entre outros problemas ligados à discriminação de gênero premente no país. A particularidade dos ativismos feministas na América Latina, segundo Gago (2020, p.279), está na combinação da massividade e da radicalidade.

A partir desse contexto, interrogamos como o campo de aparecimento comum é mobilizado pelos corpos das mulheres em associação política, compondo uma espécie de quadro imagético cultural sobre o ativismo feminista que se atualiza na nossa sociedade. Para Gerda Lerner (2019), imagens também são elementos componentes de um sistema de gênero em nossa sociedade e que, ao longo do tempo, têm seus valores e normas atualizados.

“Imagens, metáforas e mitos manifestam-se de maneira prefigurada pela experiência passada. Em épocas de mudança, as pessoas reinterpretem esses símbolos de novos jeitos, originando-se, assim, novas combinações e compreensões” (Lerner, 2019, p.35). Desse modo, observamos que as fotografias não apenas retratam o teor da luta por direitos, mas encarnam as materialidades potencialmente sensíveis que dizem sobre a efetividade das imagens usadas como codificações das demandas e lutas sociais entendendo como comparecem articuladas às operações de linguagem. Como primeiro recorte empírico, apresentamos, nesse estudo, exemplares da galeria de fotos da reportagem “Mulheres protestam pelo direito ao aborto em vários países”, do jornal Folha de São Paulo, publicada em 02 de outubro de 2021.

REFERÊNCIAS

BARRANCOS, D. **História dos feminismos na América Latina**. São Paulo: Bazar do Tempo, 2022.

BIDASECA, Karina. Experiencias del feminismo contra-hegemónico en América Latina. *Lutas Sociais*, PUC SP, n.27, 2011. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/view/18743/pdf> . Acesso em 18 jan. 2021.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CALDERÓN, Andrea Soto. **La performatividad de las imágenes**. Madrid: Ediciones Metales Pesados, 2020.

GAGO, Verónica. **A potência feminista ou o desejo de transformar tudo**. São Paulo: Elefante, 2020.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**. São Paulo: Cultrix, 2019.

MACÓN, Cecilia. **Desafiar el sentir: feminismos, historia y rebelión**. Buenos Aires: Omnívora, 2021.

_____. Desafiar el sentir tiene que ver con advertir que el orden afectivo es político y se puede derrubar. *Revista Aruda*, 2022. Disponível em <https://revistaruda.com/2022/03/08/cecilia-macon-desafiar-el-sentir-advertir-orden-afectivo-es-politico-y-se-puede-derrumbar/> Acesso em junho 2023.

RADL-PHILIPP, R. M.; CRUZ, Z. V. El acto de parir en Brasil: ¿quién protagoniza la escena? In: Marcela Jabba Churba; Juan Antonio Rodríguez-del-Pino; Nina Navajas-Pertegás. (Org.). **Miradas de género: una sociología sin barreras, cerradas ni cerrojos**. 1ed.Barcelona: Icaria Editorial, 2019, p. 35-46.

SEGATO, R. La norma y el sexo: Frente estatal, patriarcado, desposesión, colonialidad. In: BIDASECA, Karina (Org.) **Genealogías críticas de la colonialidad en América Latina, África, Oriente**. CLACSO: Ciudad Autónoma de Buenos Aires, IDAES, 2016. p.31-64

SEGATO, R. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. In: **E-Cadernos CES**, Centro de Estudos Sociais, Coimbra, n.18, p.106-131, 2012.

ZERWES, E. A fotografia entre cultura visual e cultura política: a participação da imprensa ilustrada francesa de esquerda na construção de uma história pública na década de 1930. **Estudos Históricos**. Rio De Janeiro, v. 27, p. 317, 2014.